

**A HISTÓRIA DE REYNAERT  
BIBLIOTECA DA LITERATURA  
EM HOLANDÊS MEDIEVAL**

Álvaro Alfredo Bragança Júnior (UFRJ e ABRASIL)  
[alvabrag@uol.com.br](mailto:alvabrag@uol.com.br)

**REYNAERTS HISTORIE.** Tradução do médio-baixo-holandês de Rita Schlusemann e Paul Wackers. Munster: Agenda Verlag, 2005. 483 p. Biblioteca da Literatura em Holandês Medieval, Vol. 2.

Como continuação da **Bibliothek mittelniederländischer Literatur** (Biblioteca da Literatura em Holandês Medieval, ou BIMILI)<sup>21</sup>, a Agenda Verlag, de Munster, Alemanha, brinda os estudiosos da Filologia Germânica com o segundo volume da coleção, que traz à cena um dos mais importantes textos do mundo ocidental da Baixa Idade Média. **Reynaerts Historie** ou **A história de Reynart** é apresentada ao leitor contemporânea em uma edição bilíngue médio-baixo-holandês/moderno-alto-alemão, a cargo dos pesquisadores Rita Schlusemann e Paul Wackers.

Talvez um dos textos mais significativos, inclusive dentro da produção literária do medievo germanófono, a história de Reynaert, ou em alemão, Reineke, Reinhart,<sup>22</sup> dentre outros nomes, pertence a uma tipologia textual característica do baixo medievo, a partir do século XII, que se configura em uma utilização de animais como metáforas do ser humano em seus vícios e virtudes. Como estampado na contracapa deste volume e para resumir a épica, *a raposa Reynaert, sempre e com habilidade, sabe se livrar de situações críticas, atra-*

---

<sup>21</sup> - A resenha do primeiro volume da Biblioteca foi por nós empreendida. Cf. em BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. Apresentação da Biblioteca da Literatura em Holandês Medieval – *Karel ende Ellegast – Karl und Ellegast*. In: SILVA, José Pereira da. (Org.). *Revista Philologus*, Ano 15, Número 43. Rio de Janeiro: CIFEFIL, jan./abril. 2009, p. 175-179.

<sup>22</sup> - Devido ao espaço limitado para a resenha não traçaremos aqui a trajetória profícuca de Reynaert pelo medievo germanófono e românico. Sobre o assunto cf. *Reynaerts historie* (2005, p. 412-415; p.433-438).

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

*vés de suas artimanhas, sua astúcia e se aproveitando das fraquezas de seus oponentes.*

Em alemão o termo **Tierepos** (épica animal) designa esse conjunto de textos.<sup>23</sup> No caso da obra em holandês medieval, segundo Schlusemann & Wackers (2005, p. 409), houve duas importantes versões das aventuras da raposa Reynaert:<sup>24</sup> a primeira surgida aproximadamente na metade do século XIII intitulada *Van den vos Reynaerde* (Sobre a raposa Reynaerd) e a segunda, uma reedição melhorada e ampliada do texto anterior, dada à lume ou no século XIV ou no posterior, de título *Reynaerts historie* (A história de Reynaert).

Conforme as regras de estabelecimento dos textos da BIMILI, os editores apresentam diretamente o texto em **mittelniederländisch** (holandês medieval) e em moderno-alto-alemão. Como em uma edição crítica, são apresentadas em notas de rodapé informações acerca do texto original, bem como de conceitos e termos isolados de compreensão importante. Salientamos, e.g., à página 3, a nota acerca do vocábulo **Duutsche**:

*Duutsche*: este conceito, que remonta ao germânico *theuda* através do latim *theodiscus*, pode designar todos os dialetos continentais germânico-ocidentais, as línguas germânicas (cf. v. 4039-4041) ou também os dialetos do território linguístico holandês. Jacob van Maerlant distingue as línguas do sudoeste (*dietsch*) daquelas no norte e no leste (*duutsch*).<sup>25</sup>

Essa preocupação com a inteligibilidade da *História de Reynaert* perpassa todos os 7805 versos da obra, após o quê se procede a sua análise bem mais pormenorizada.

Schlusemann & Wackers apresentam, em um primeiro momento, a matéria e a tradição da obra, voltando até à possível fonte original, base para a *historie*, que teria sido a épica em latim *Ysen-*

---

<sup>23</sup> - A utilização de animais em diferentes obras e gêneros literários durante o Baixo medievo demonstra a remissão constante àqueles como quasi retratos do homem com seus vícios e virtudes. Tanto na épica quanto na paremiologia em língua latina encontram-se animais como *specula humanos*. Sobre a importância destes nos provérbios em latim medieval, cf. BRANGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. *A fraseologia medieval latina como reflexo de uma sociedade*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2009, p. 66-93.

<sup>24</sup> - Manteremos em holandês o nome do personagem principal.

<sup>25</sup> - As traduções das citações são de responsabilidade do resenhista.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

*grimus*, composta por um clérigo na metade do século XII em Gent, na atual Bélgica. Segundo os editores (2005, p. 411), *este é o primeiro texto europeu, nos quais os animais não são tipos, mas sim figuras com nomes próprios (os dois mais importantes são o lobo Ysen-grimus e a raposa Reinardus)*. Em seguida são mencionadas as fontes em francês *Roman de Renart* (redigida entre 1170 e 1250) e o texto já mencionado *Van den vos Reynaerde*, anterior a 1270 e composto no leste de Flandres.

Especificamente no tocante à *Reynaerts historie*, são mostradas as diversas camadas textuais e intertextuais que ajudaram ao pretenso autor, Willam, na composição de seu texto, salientando-se as variantes de conteúdo e também as apropriações da obra anterior *Reynaerde*.

Com um preparo digno das sérias edições filológicas segue-se um aparato crítico que engloba considerações acerca da transmissão do texto, via manuscritos B e C, além de dados técnicos sobre os mesmos, bem como notas relacionadas ao surgimento dos mesmos.

Outros tópicos componentes da edição que ampliam o horizonte de investigação relacionam-se à discussão sobre o pretenso autor do texto, Willam.<sup>26</sup> Território e época do surgimento das peripécias da raposa são também analisados, contudo é extremamente significativa a análise textual, contida entre as páginas 421 e 433 e subdividida em “Estrutura”, “Aparência e Realidade” e “Poder verbal”, sendo que elementos da linguagem da intimidação e da retórica, absolutamente manipuladores, encontram-se documentados na fonte.

Para nós, *Reynaerts historie* é um texto que permite muito bem a visualização da questão histórico-social, comumente denominada “contexto”. Devido ao fato dos Países Baixos (atuais Holanda e Bélgica) se encontrarem à época da fixação da obra sob domínio burgúndio, as tensões daí advindas espalham-se. Os estamentos sociais, principalmente a nobreza e os servos, distanciam-se ainda mais um do outro. Interesses comerciais familiares, ligações pessoais fortalecidas e buscadas, modificações concernentes à administração pú-

---

<sup>26</sup> - A questão da autoria – *Autorschaft* - é tema extremamente presente e recorrente na Medievalística e na Filologia Germânicas.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

blica, em que os funcionários públicos acabam se constituindo em uma camada de ligação entre aristocracia e “povo”<sup>27</sup> permitem a afirmação de Schlusemann & Wackers (2005, p. 429), de que, pois, *é compreensível que uma constelação social de tal monta constitua um solo fértil para a economia entre primos e para a corrupção.*

A recepção da história da raposa Reynaert em território de língua holandesa e alemã é detalhada com as obras em prosa e em verso do mesmo personagem, salientando-se o cuidado com a indexação e discussão técnica e teórica das fontes. Segue-se, então, uma sucinta, porém precisa revisão bibliográfica com os principais trabalhos e estudos sobre o tema desde o século XIX até o XXI.

Os dois últimos capítulos anteriores à Bibliografia demonstram a seriedade do trabalho empreendido pelos editores. No primeiro deles, que trata da edição do texto, encontram-se as sete regras normativas para a sua fixação, sendo esclarecedor mencionar, palavras dos editores (2005, p. 444), de que *não se tenciona uma reconstrução do texto original, mas sim uma edição crítica satisfatória, no que as variantes das fontes, surgidas antes de 1500, são também utilizadas.* Para os críticos textuais mais tradicionais, talvez aqui pudessem incidir críticas, porém a seguir indexa-se uma listagem rigorosa, que contém o número do verso, a lição da edição, a lição no manuscrito B, do qual o texto crítico é derivado, e a redação, que oferece a base para a **emendatio**. Mostremos alguns exemplos:

Verso	Texto Editado	Manuscrito B	Português
11	ic	My	Eu
856	hagen	Hauen	Sebe
2303	morgen	Morge	Dia
3478	verlengen	Verlenge	Prolongou
5591	ebenushout	Elenushout	Ébano

No próximo capítulo tem-se um glossário explicativo com os nomes próprios, ocorrentes na *Hiistória de Reynaert*, com dados de ordem histórica e ficcional acerca deles, acrescidos com o(s) verso(s) em que aparecem. Aristóteles (v.5053) e Hécuba (v.5526) convivem na história com Juno (v.5500 e 5512) e o personagem Maradigas

---

<sup>27</sup> - A palavra “Povo” prende-se aos estamentos inferiores da sociedade de então. Não entramos na discussão teórica acerca do conceito histórico, antropológico e sociológico do termo.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

(5594), constante da obra *Cleomadès* de Adnet le Roi, que viveu entre 1240 e 1300 aproximadamente.

Com uma Bibliografia extensa e qualitativamente importante encerra-se a obra. O segundo volume da **Biblioteca da Literatura em Holandês Medieval** contribui ainda mais para o conhecimento da Literatura Medieval em línguas germânicas, no caso em holandês, e mostra com a *História de Reynaert* como os seres humanos, quase que transmutados em animais, agiam e ainda agem em tempos históricos passados, porém tão cotidianos. A Filologia e Medievalística Germânicas no Brasil agradecem!